

Resenha Cultura Literária e Escola

Sinopse: literary culture and school

Geraldina Porto Witter¹
Pós-Graduação (Unicastelo)
São Paulo – SP – Brasil
Endereço:
Rua Carolina Fonseca, 584
Itaquera - São Paulo - SP
CEP: 08230-030
E-mail:
gwitter@uol.com.br

Artigo recebido em 13/05/2009

Aprovado em 16/10/2009

AGUIAR, F. & DORIA, O. (Orgs.) (2009). **A Escola e a Letra**. Projeto Gráfico de Ricardo Ohtake. São Paulo: Boitempo, 215 p.

É um livro de arte, de literatura, de cultura e de educação que enriquece qualquer leitor e biblioteca. Flávio Aguiar é escritor, poeta, professor e jornalista, lecionou na USP e em várias outras universidades nacionais e estrangeiras, tendo recebido vários prêmios. Og Doria destaca-se com geógrafo, escritor e consultor de políticas públicas voltadas para a cultura e para a educação, tendo ocupado cargos importantes nos dois setores. Ricardo Ohtake leciona arquitetura, comunicação e artes plásticas na USP, dirigiu importantes instituições culturais, tendo sido Secretário da Cultura do Estado de São Paulo, entre outros cargos.

O Prefácio foi redigido por Aguiar, que esclarece a estrutura da antologia que, tendo por cenário a escola, o ensino-aprendizagem no Brasil ao longo da história, apresenta textos variados, com predomínio de contos e crônicas, mas incluindo também poesia, destacando aspectos importantes. Faz uma síntese da variedade dos temas trabalhados.

A Apresentação foi feita por Doria, que retoma a trajetória do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacional, que entre as atividades previstas para comemorar seus 60 anos (1997) incluía a realização do presente livro. Por razões diversas isto não

¹ Livre-docente pela Universidade de São Paulo. Coordenadora da Pós-Graduação da Universidade Camilo Castelo Branco.

se realizou na época e só recentemente foi possível aglutinar esforços e contar com o apoio necessário para que hoje o leitor desfrute de obra tão relevante.

Os textos escolhidos são apresentados seguindo as fases da história brasileira e levam a assinatura de 49 autores de renome. O primeiro texto é um poema de Murilo Mendes (1932), que apresenta o personagem Sumé, extraído de mito tupi da época do Descobrimento. Filho da Lua veio ajudar os indígenas, mas não teve a gratidão esperada e, agredido, parte desolado. Esta parte, constituída por um único texto, recebeu o título de Antes de Tudo o Mais.

A parte seguinte enfoca o período colonial e cinco textos aí estão inseridos: Escola de Piratininga, de Jorge de Lima; Auto da Pregação Universal, de José de Anchieta; Sermão do Espírito Santo, de Antonio Vieira; a descrição da vida escolástica, de Gregório de Matos; e Canto IV do Reino da Estupidez, de Francisco de Melo e Franco.

O império é representado por meio de sete trabalhos. De Joaquim Manoel de Macedo foi escolhido um trecho de *A Moreninha*, primeiro grande êxito brasileiro de público, trata-se dos apuros do estudante Fabrício, seus sonhos e fantasias. Em seguida, o leitor reencontra Castro Alves no poema Canção do Boêmio (1868), em que faz uma sátira da vida dos acadêmicos. De Raul Pompéia foi extraído o primeiro capítulo de *O Ateneu*, em que critica as instituições de ensino do tempo do Império, na segunda metade do século XIX. Aloísio de Azevedo teve transcrito o segundo capítulo do romance *Coruja* (1890), apelido do protagonista (André), e permite acompanhar parte da formação educacional do mesmo. Joaquim Nabuco aparece com o texto Colégio e Academia, trecho do primeiro capítulo de *Minha Formação*, em que retoma sua vivência na escola e academia, retratando a formação da elite nacional. O Caso da Vara é da autoria de Machado de Assis, conto que foi publicado em *Páginas Recolhidas* (1899), mas que se refere a período anterior a 1850, descrevendo criticamente a formação e a atuação de seminarista e a injustiça em relação a escravos. *A Normalista* é um romance publicado em 1893 e o trecho escolhido ocorre durante uma aula de Geografia. É o último texto sobre educação relativo ao Império.

A parte dedicada ao período republicano é maior, compreende uma rica variedade de textos, todos de grande mérito para alcançar o objetivo da obra. Não dá para apresentar todos no espaço gráfico que se espera de uma resenha. Insistindo para que o leitor ganhe com a leitura dos textos, optou-se por fazer apenas algumas menções. O primeiro texto desta parte é da lavra de Artur Azevedo e descreve cena que teria

ocorrido em 1890, trata-se do conto o Plebiscito, publicado em *Contos Fora de Moda* (1893), cujo foco é a educação doméstica. Em seguida, o leitor reencontra textos bem escolhidos de Olavo Bilac, Lima Barreto, Monteiro Lobato, Oswald de Andrade, Alcântara Machado, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Cyro Martins, Graciliano Ramos, Cyro dos Anjos, Menotti del Picchia, Rubens Braga, Meir Kucinski, Boris Schnaiderman, Autran Dourado, José J. Veiga, João Antônio, Vinícius de Moraes, Ivan Ângelo, Clarice Lispector, Rubem Fonseca, Nélide Piñon, Moacyr Scliar, Manoel Lobato, Murilo Rubião, Érico Veríssimo, Luís Fernando Veríssimo, Josué Guimarães, Osman Lins, Roniwalter Jatobá, Flávio Aguiar, Luiz Vilela e Affonso Romano de Sant'Anna. O último trabalho é de João Ubaldo Ribeiro e tem por título *A Formação do Jovem*, crônica publicada em *Sempre aos Domingos* (1988). Trata da educação sexual no meio familiar, do despreparo do pai e suas inibições ao tratar do tema com o filho.

Os temas são variados e ricos podem subsidiar estudos de história da educação, educação escolar e familiar, psicologia escolar, sexualidade, educação religiosa, cultura brasileira, entre outras possibilidades sugeridas pelas modernas tecnologias de uso de textos literários como meio de ensino de qualquer área do conhecimento ou como recurso motivacional.

Nestas circunstâncias, além de trabalho de grande valor estético, literário e cultural, pode contribuir substantivamente para a melhoria do ensino de que o Brasil está tão carente, se os professores souberem usar técnica e criativamente o material que ficou mais disponível com a obra aqui resenhada. Entretanto, é provável que poucos conheçam das centenas de formas pela quais um texto literário pode ser usado em sala de aula. Muitos sequer podem ter tido alguma informação sobre estas técnicas de alta eficiência. Assim, o uso comum é similar aos dos antepassados. As críticas feitas nos vários textos, mesmo nos mais antigos, ainda permanecem válidas no campo educacional brasileiro. Deste prisma, pode-se dizer que é uma obra que parte das raízes culturais e educacionais do Brasil, mas que permite repensar o presente e definir orientações para que haja realmente progresso.